



www.lettras.ufscar.br/linguasagem

O PAI DA NOIVA

Francisco Neto Pereira Pinto¹

Todos já estavam sentados ansiosos, à espera, e o presidente da sessão convidava a todos que dessem suas atenções pois a cerimônia já iria começar. Desfilam no tapete vermelho os padrinhos, o noivo, as porta-aliança, as floristas e, por fim, com muita pompa, distribuindo sorrisos e lágrimas, a noiva. Olha a todos com gratidão e com orgulho, se sentindo bonita. Uma das únicas vezes que foi ao salão de beleza fazer unha, cabelo e maquiagem e, ainda mais, ficou espantada em o salão oferecer limpeza de pele e massagem, pra ficar relaxada. Queria eternizar aquele momento, ficar pra sempre naquele instante, sendo olhada, invejada, admirada por ter arrumado um marido, que estava agora a esperando lá no altar, e estar toda bonita, arrumada de salão, passando no tapete vermelho como a mais importante da noite, cortejada pelo séquito.

E ficou se sentindo assim, sem saber o que fazer com essas sensações estranhas e primeiras, que lhe enchiam por dentro e que provocava vontade de chorar e sorrir, ao mesmo tempo. E lhe veio o pensamento de casar mais vezes, pra ficar sentido coisas assim. Coisas do tipo por um instante importante. Ao seu lado, à esquerda, como cavalheiro que leva a filha ao altar, o pai da noiva, a rebocar Maria pra entregá-la a José, que estava lá, à frente, sustentado em pernas trêmulas, a ensopar o terno de suor.

Os convidados, para a entrada da noiva, levantam-se, como que lhe rendendo honras. Algumas mulheres se colocam a fazer comentários sobre a roupa e observam como o branco ou um detalhe do vestido deixaram a noiva gorda; outras, de como a maquiagem foi mal feita. – Em que salão será que ela foi?, pergunta uma comadre a outra, morta de inveja, porque a cara nem

¹ Graduado em Letras - português/inglês e especialista em Leitura e Produção Escrita pela Universidade Federal do Tocantins, instituição em que também trabalha como técnico administrativo.

um quilo de pó tamparia as rugas. Algumas choram. – Meu Deus, quando será que chega minha vez? Se pergunta quem já passou dos vinte e imagina que todas estão indo, mas ela, com suas pernas finas, continua sendo invisível àqueles que ainda acham que o matrimônio é um caminho. Uma outra chora porque seu marido morreu, outra porque o seu arrumou outra e ela agora é a outra. E todas choram e nunca é pela felicidade da noiva.

O pai da noiva não chora. Nem sorrir. Não esboça cara alguma e aquele movimento todo não lhe diz coisa com coisa. Estava ali porque era sua filha e, como de praxe, pais levam as filhas ao altar. Mas isso não quer dizer que ele compreendia aquilo; fazia por fazer, porque pais fazem isso. Assim lhe disseram. Estava usando pela primeira vez um terno, clarinho, inosso, como ele, e seus sapatos eram pálidos, assim como era sua cara enrugada. Olhava os outros homens da festa e os via chiques, e se sentia inadequado. Puxava a barra do paletó querendo ajeitá-lo à barriga saliente. De tão simplório, desconfiava.

Era meio baixo e meio gordo, mas tinha olhos grandes e fundos. Tão grandes que se destacavam em seu rosto de testa grande, que tomava metade da cabeça calva. Era daqueles olhos lânguidos e distantes, de cor apagada, que vinha uma profunda solidão. Solidão acumulada, de infinitos anos, que agora se derramava pelo tapete, espalhava-se por todo auditório e enchia o não tão grande lugar e ninguém o percebia. E ele caminhava ao lado da noiva importante, que ia distribuindo sorrisos e se sentia orgulhosa de ser a estrela, que apagaria logo, logo, tão logo acabasse o casório e ele se encolhia e, pudesse, se esconderia na longa grinalda que a noiva puxava, como se fosse um manto de rainha.

Depois sentou no local reservado ao pai e o lugar da companheira ficou vago. Mantinha as pernas juntas e os pés alinhados, calçados por sapatos, novos mas descorados. As mãos ficam sempre recolhidas às pernas e os dedos ocupados em sempre cutucar o canto de uma unha encravada. Como não tinha postura, sentava-se mesmo corcunda, o que ajudava em seu esforço de se amiar e se fazer mais invisível naquele que não era seu lugar. E o líder religioso dizia os conselhos sagrados aos noivos, mostrando na Palavra os papéis divinos para o homem e a mulher em eloquência. A assistência olhava os noivos e o líder, e seu João, o pai da noiva, olhava a assistência e, às vezes, a filha. Era um olhar discreto, quase não olhando. Escapulia pelos cantos dos olhos e de tão sem cor ninguém via.

Fizeram os votos e foram dados por casados. A esposa, com seu marido, se dirigiu à recepção, foi ser pelos últimos momentos importante lá onde estavam sendo servidos o feijão

tropeiro com vinagrete e churrasco. Seu João foi visto perto de onde dois convidados sorriam e procuravam lhe incluir. Por um instante olhou pros dois e mexeu com o canto da boca, numa promessa de sorriso que jamais se realizou, seja porque não teve tempo, seja porque já tinha esquecido como fazer.

Lá no canto da parede, com pouca luz, encontrou descanso daquele alvoroço e pôde se sentir melhor com seu jeito desajeitado e inadequado. O povo andava, comentava, sorria e se cumprimentava. E o velho encolhia-se e se enrugava. Murchava e recolhia-se a si mesmo e, fundindo-se,

Não tornou a ser mais visto.

Recebido em: 20 de setembro de 2010.

Aceito em: 5 de outubro de 2010.